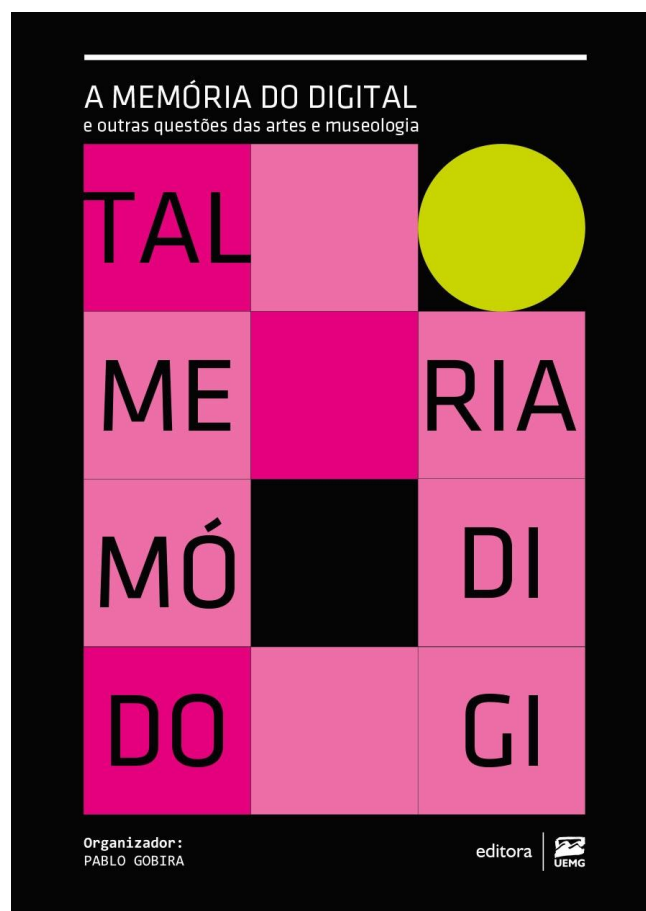


## Da formação do binário 0/1 ao papel do algoritmo: A memória da arte digital

Ana Luiza Pedrosa Camilo<sup>1</sup>

GOBIRA, Pablo (Org.). A memória do digital e outras questões das artes e museologia. Belo Horizonte: EdUEMG, 2019, 255 p.



Como resultado do Seminário de Artes Digitais, um evento acadêmico que contou com o apoio de diversas instituições de ensino superior e agências brasileiras, os artigos presentes no livro “A memória do digital e outras questões das artes e museologia” destacam a importância da preservação da memória da arte. Unindo às perspectivas de artistas, pesquisadores e curadores, o livro traz diferentes questões sobre a

<sup>1</sup> Universidade do estado de Minas Gerais - UEMG. E-mail: analuizapedrosacamilo@gmail.com.

discussão preservacionista. Tratando especialmente das relações entre arte, ciência e tecnologia, em um contexto em que a arte é cada vez mais volátil e intermitente. Os autores defendem a necessidade de arquivos de arte e enfatizam a importância da *arkhé* da arte, ligada à formação do binário 0/1 e ao papel do algoritmo na sociedade contemporânea. O livro também apresenta exemplos de arte com robôs, *big data*, inteligência artificial (IA), entre outros, e tem como objetivo voltar a atenção do leitor para o resgate de resultados poéticos que têm sido perdidos nessas relações nos últimos anos.

Diversos usos criativos utilizando meios eletrônicos foram aplicados na arte ao longo dos anos desde o advento das novas tecnologias e posteriormente ao advento do computador. Tânia Fraga, artista e pesquisadora, apresenta a Arte Computacional como “um tipo de arte caracterizada como sendo eminentemente conectada com computadores”, a qual essa relação “ênfatisa experiências sensoriais, poéticas e estéticas intermediadas pelos dispositivos computacionais, tendo a capacidade de processar e responder às solicitações do público e sendo, concomitantemente, seu suporte e mídia” (2019, p. 127). Atrelado ao caráter de interatividade digital na arte, historicamente também observamos o avanço da programação para sistemas baseados em IA. Esses desdobramentos “trouxeram diálogos mais complexos para o sistema interativo” (SOGABE, 2019, p. 27) na arte. Entretanto, “a interação prova ainda ser um obstáculo nos ambientes de exposição e no discurso geral da arte, uma vez que ela se baseia em certa familiaridade com a noção de resposta como um meio” (PAUL, 2019, p.65).

Christiane Paul, curadora-chefe e diretora do Centro de Design Sheila C. Johnson, discursa no artigo “Os museus no passado e no futuro do pós-digital: materiais, mediação, modelos” sobre as temporalidades pós-digitais e afirma que a compreensão desse contexto indica que a sociedade humana já ultrapassou a novidade do digital, mas isso não significa que estamos em um estado “depois da internet ou do digital” e

sim ter incorporado a possibilidade ubíqua permitida no digital. A autora também pontua que os termos “pós-digital” e “pós-internet” tentam descrever uma condição de trabalhos artísticos e objetos que são criados pela/por meio da internet (PAUL, 2019). Dessa forma, Paul (2019) acredita que a compreensão dos seres humanos sobre a vida e na arte pós-digital ou pós-contemporânea se sobrepõem. Nesse sentido, Sarah Thornton (2008 *apud* LEÃO; LOPES, 2019) destaca que o mundo da arte é um aglomerado de subculturas em constante tensão, cada uma com pressupostos e valores diferentes, e que o próprio conceito de arte é compreendido de maneira diferente por cada uma delas. Diante desse cenário, Paul (2019) conclui que com a incorporação das Artes Digitais (compreendida atualmente como a fusão da arte, comércio, publicidade e *design*), novos métodos surgem nesse contexto, bem como novos formatos de coleções e do mercado de arte.

Ancoradas por perspectivas que se entrelaçam, Lucia Leão, artista, pesquisadora, escritora, tradutora e curadora, e Vanessa Lopes, artista, pesquisadora e produtora cultural (2019), argumentam sobre a emergência de um tipo de poética que se aproprie da estetização dos mercados de consumo e se apoie em lógicas da era transestética. Tal poética que trabalha em parceria com as instituições que legitimam a arte como uma mercadoria é patrocinada pelas redes de poder do capital e utiliza estratégias originais/provocativas para obter visibilidade e repercussão nas redes midiáticas. Hanna B. Hölling, professora-pesquisadora, em seu artigo “Mídia transicional: permanência, recursividade e o paradigma da conservação”, agrega a esse raciocínio quando associa às formas de conservação. Ela entende que a “[...] musealização coincide com os princípios de autenticidade material e com o modelo de conservação tradicional ao se preservar objetos-coisas” (HÖLLING, 2019, p. 39). Tendo em vista que a cultura do digital transformou as experimentações artísticas, para a curadora e pesquisadora Annet Dekker (2019), não faz sentido preservar tais obras de arte como “objetos convencionais”. Partindo deste

ponto, Priscila Arantes (2019), diretora artística e curadora do Paço das Artes desde 2007, pesquisadora CNPq, professora e coordenadora do curso de Arte: história, crítica e curadoria na PUC/SP, discute sobre a descolonização dos museus e suas relações entre acervo e poder. Sobre a museologia radical, Arantes conta que para Bishop essa é uma noção capaz de ser compreendida como entendemos os museus contemporâneos e que tal metodologia “radical” é uma possibilidade para desvencilhar-se da espetacularização dos museus (2019, p. 79).

A obsolescência das ferramentas tecnológicas é um ponto bastante discutido quando tratamos de preservação de obras de artes digitais. Sobre isso, Tânia Fraga (2019) divide as obras digitais em três categorias para, a partir delas, prospectar algumas formas de preservação de poéticas digitais. As categorias são: “Obras criadas através da programação por meio de *softwares* personalizados; Obras criadas por meio de *hardware* e *software* personalizados; Obras que usam aplicativos e modelos disponíveis comercialmente ou misturam estes com os tipos citados antes” (FRAGA, 2019, p. 127). Para alcançar a preservação de obras digitais, Annet Dekker pontua a necessidade de entender que “a proveniência e o contexto de um ambiente instável significa considerar a cultura *online* o seu próprio caminho de preservação” (2019, p. 109).

Tânia Fraga, no seu artigo “Acertos e desacertos na preservação de acervo em Arte Computacional Interativa”, apresenta estratégias que podem ser adotadas para a preservação de obras de arte computacionais, levando em consideração que a autora se baseia na experiência de preservação de seu próprio acervo pessoal de obras computacionais interativas. Refletindo sobre a continuidade da existência de obras de artes digitais ao longo do tempo, Marcos Cuzziol, gerente do Núcleo de Inovação do Itaú Cultural, desenvolvedor de games e sócio fundador da “*Perceptum Software Ltda*” e Gilberto Prado, artista e coordenador do Grupo Poéticas Digitais (2019), julgam importante manter o entendimento poético da obra após seu restauro, bem como suas sutilezas, pois no intuito de contribuir

com a história da arte, se faz necessário planejar medidas que sustentam sua demarcação histórica e conserve a sua memória. Posto isso, Paul (2019) transmite a ideia de que as instituições qualificadas para refletir sobre formas de preservação histórica das Artes Digitais seriam aquelas que fomentam a pesquisa científica, e não as instituições colecionadoras.

Em conclusão, o livro "A memória do digital e outras questões das artes e museologia" apresenta uma abordagem complexa e abrangente sobre a memória em diversas manifestações, incluindo instituições museológicas e a arte. Reunindo pesquisas sérias e reconhecidas pelos pares nacionais e internacionais, o livro agrega às discussões contemporâneas sobre o tema, apresentando estudos introdutórios, teóricos e relatos de experiências vivenciadas por artistas, curadores, professores e pesquisadores. Os autores discutem questões fundamentais sobre museus contemporâneos, a necessidade de desenvolver propostas que atinjam um público maior e a conservação da arte digital. Assim, o livro também é considerado um registro memorialístico de um período histórico das relações entre arte, ciência e tecnologia. Portanto, espera-se que, por meio dos capítulos deste livro, o leitor possa se aproximar dos dilemas e questões contemporâneas da arte e da museologia.